

DOSSIÊ
SOCIEDADE E RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA: DIÁLOGOS

*Estão queimando vela pra me derrubar,
Eu já fiquei doente, meu Pai
Sem poder lutar
Agora estou aqui,
É pra saudar Xangô
Que vire essa macumba, meu Pai
No peito de quem mandou*
Cantiga de Xangô, com toque congo

O presente volume da **Revista de Letras**, v. 22, n. 38, setembro de 2020, dossiê “Sociedade e Religiões de Matriz Africana: Diálogos”, organizado pelos professores mestres Gustavo da Silva Andrade (Unesp) e Paulo Ricardo Moura da Silva (Unesp/IFMG câmpus de Ouro Preto) e pela professora doutora Alice Atsuko Matsuda (UTFPR-Curitiba/PPGEL), congrega uma série de artigos sobre as diferentes áreas científicas e seus possíveis diálogos no que se refere à *religiosidade de matriz africana*. Trata-se de conjunto rico e diversificado que abrange distintos batuques, os quais legam à sociedade brasileira, por meio de uma visão de mundo e uma maneira de ser peculiares, culturas que privilegiam o Corpo e a Vida, aqui e agora.

Um xirê de pesquisas, uma roda de textos, uma cantoria de artigos tem chamado nossa atenção para o aprendizado *nos* e *a partir dos* terreiros. Para este volume temática, na contramão de uma história de intolerância religiosa e discriminação racial, convidamos pesquisadoras/es a refletirem sobre a temática “Língua e Literatura ao som sagrado dos Terreiros”.

Este dossiê encontra sua motivação na necessidade de reparação histórica que trata da implementação de uma série de políticas públicas de combate ao preconceito, de ordem religiosa, que culmina, em 9 de janeiro de 2003, com a sanção da Lei n. 10.639, pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que trata da obrigatoriedade de estudos sobre a cultura afrobrasileira e africana em todos os níveis de ensino.

Nesse movimento, em um verdadeiro Xirê de tema, nossa gira é aberta por Wallace Rodrigues e por Sariza Oliveira Caetano Venâncio, discutem a rica simbologia dos negros, que tomam o candomblé como força de resistência e influenciam diversas correntes de arte, como, por exemplo, o baiano Rubem Valentim (Salvador, 1922 - São Paulo, 1991), importante utilizador dos signos do candomblé para compor seus trabalhos visuais de arte abstrata. É um movimento de abertura da gira, saudando a todos os Orixás.

Em um segundo movimento Maria Gomes de Medeiros e Ana Cristina Marinho Lúcio apresentam uma verdadeira narrativa juremeira, com base nos percursos de Inês dos Santos na cidade

de João Pessoa, na Paraíba. A partir da vivência dessa negrada, filha de Oxum e juremeira, abre-se um movimento de reconstrução da tradição oral, dando voz e corpo a esse testemunho, enquanto uma postura social e política. Abre-se, assim, a jurema sagrada, o terreno da incorporação da vivência da cultura e da história: a Jurema é a dona da cidade, mas a chave é nossa!

O terceiro artigo deste dossiê, de autoria de Juliana Franco Alves-Garbim, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira e Francisco Cláudio Alves Marques, que dão sequência a nossa gira/xirê, saudando Xangô, Oxóssi e Ogum, discute dois contos da Mãe Beata de Yemonjá (1931-2017) – a bênção – intitulados “A rainha mãe e o príncipe lagarto” e “A pena de Ekodidé”, para discutirem a intersecção entre oralidade e o Candomblé. Saudada Iemanjá, vamos, todos, como bons filhos dela a um movimento de louvação.

Leandro Passos, em seu artigo, trata do deus-menino, o erê Lumbiá, de Conceição Evaristo. Ao analisar o conto, o autor visita as culturas ioruba e banto atreladas à cultura judaico-cristã, ao gênero e à classe social. Esse movimento de análise permite questionar a demonização dos mitos iorubas na sociedade contemporânea. E sempre bom lembrar: que na porta do terreiro, na hora da gira, Damião dá força e sustenta, protegendo-nos contra os males – ao lado de Ogum, de Exu e de Zé Pelintra.

Ao discutir o batuque do Rio Grande do Sul, em dois contos de Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009), Dênis Moura de Quadros, discute a resistência negra no Brasil, reforçando a diversidade de nações e de toques, em especial do Batuque, uma religião de matriz africana específica da região sul. Um movimento de integração e de congregação das diversas correntes. Caminho que também é seguido por José Ricardo da Costa discute a poética oral mítica afro-gaúcha, analisando os processos de representação das narrativas míticas orais a respeito dos orixás, divindades do Batuque do Rio Grande do Sul.

Ao fim dessa gira, desse xirê, Gean Paulo Gonçalves Santana, analisa cantos-poemas, frutos de experiências intersubjetivas, na representação da herança africana, suas identidades, ressignificações e resistência. Analisa ainda o papel do canto-poema em uma comunidade quilombola do extremo sul da Bahia e às comunidades negras da região do pacífico do Valle Del Cauca.

Ao fim e ao cabo, agradecemos a todos os guias, os mentores e os espíritos amigos que estiveram presentes nesse movimento. Foi um movimento de congregação: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul, Universidade do Estado da Bahia, Universidade Estadual Paulista, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal do Tocantins.

É preciso, antes de prosseguir a leituras, agradecermos aos pareceristas que se dedicaram às leituras atentas e aos comentários enriquecedores. O agradecimento é também extensivo aos colaboradores que auxiliaram na editoração do volume.

Os Organizadores:

Prof. Me. Paulo Ricardo Moura da Silva (Unesp/IFMG, câmpus de Ouro Preto)

Prof. Me. Gustavo da Silva Andrade (Unesp)

Profa. Dra. Alice Atsuko Matsuda (UTFPR-Curitiba/PPGEL)

Setembro de 2020